



Á Biblioteca Pública de

Braga

Temas em Livro

11
AGOSTO
1962

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMAOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO, E REDACÇÃO: LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

ESTOUTRA

grande amiga da morte

Há muitos caminhos que conduzem o simples mortal à cova do cemitério, mas o mais moderno é talvez o drama da velocidade.

O automóvel inventou-se para conforto e comodidade mas o certo é que facilmente se transforma em trampolim da morte.

Um qualquer apressado — e há muito que apesar do automóvel chegam sempre tarde a parte! — sente que pode carregar sempre impunemente no acelerador do seu carro. Não pensa que muitas das nossas estradas datam ainda da época do carro de bois; quando as viagens se faziam a cantar e a não muito mais de dez quilómetros por hora.

Carregando nesse engenho da máquina que mal conhece, facilmente atinge os cem quilómetros e para obter os cento e vinte ou os cento e trinta não é preciso carregar muito mais.

Mas eis que a simples e ocasional vertigem, ou qualquer outro imprevisto chega e,

apesar de durar apenas uma fracção de segundo, foi o suficiente para atirar com o automóvel contra a primeira árvore do caminho e, depois de quatro ou cinco saltos mortais, terminar no clássico monte de sucata onde há, apesar de tudo, ossos calcados e sangue a escorrer... E o apressado, que não quis ou não pode levantar-se uma hora mais cedo para cumprir o seu dever na paz do Senhor, segue para o hospital, ou até, o que é muito pior, directamente para a morgue, e dali para o cemitério, onde terá a eternidade à sua inteira disposição, para resolver os assuntos que o levaram a tais excessos de velocidade.

E as vítimas inocentes da sua loucura? Os filhos na orfanidade, a esposa ou a mãe ao abandono, o simples transeunte com os ossos partidos ou, até talvez, a zazer também noutro coval?

A prudência nos livre também destoutra grande amiga da morte!

A NOSSA AGRICULTURA

Males a remediar — Usos a por de parte

Vimos desde há 15 anos a dedicar-nos a uma nova organica, que ligando o senhorio à administração da sua exploração agrícola, não põe de parte o caseiro, mas antes pelo contrário lhe dá estabilidade, rendimentos certos e consequentemente estímulo pelo trabalho.

Temos um e outro tirado bons resultados desta prática, em franco progresso no que se refere a muitos rendimentos. A prática e os conhecimentos desses 15 anos aliados ao interesse que temos pelas coisas da nossa lavoura, levaram-nos a vir às colunas deste semanário expor as nossas ideias em alguns artigos sobre os problemas que são a nosso ver o grande mal da lavoura da região:

Arrendamentos Agrícolas
É uso corrente, pois só conhecemos o nosso caso diferente, entregar-se de arrendamento uma quinta a um caseiro

mediante o pagamento de tantos carros de cereais, e uma percentagem no vinho, no azeite, nas frutas e nos gados.

Em certos casos, e são muitos, quando o gado é do caseiro, o senhorio nada recebe.

Este sistema, que à primeira vista nos parece razoável, é o grande culpado do enorme atraso da nossa agricultura:

1.º — Porque desliga e desassocia o Senhorio da terra, atirando-o para o simples lugar de capitalista.

2.º — Porque a exploração a que o caseiro é sujeito o inibe de qualquer lucro e consequentemente do interesse em progredir.

3.º — Porque o nosso caseiro não tem cultura e meios materiais para se adaptar às novas formas de cultura.

Acontece frequentemente, no que se refere ao segundo ponto, que o caseiro é vítima, tan-

(Continua na 2.ª página)

NOVA COMPARTIÇÃO,

agora de 260 contos, para a estrada Caldelas-Paranhos

Quem tenha acompanhado o número e quantia de participações que há 2 anos a esta parte vêm sendo dadas ao nosso concelho, fica admirado. Se avaliar do valor das obras e de quanto custam a realizar, fica perplexo.

Agora foram 260 contos para a continuação da estrada Caldelas-Paranhos. Nós sabemos quanto isto custou e custa a conseguir e a realizar. Por isso estamos sempre com quem realiza sem olhar a côr e não demorará que os que têm ainda um pouco de escrúpulos reconheçam a grandeza de uma obra sem par e condenem os que nada fazem e só buscam maneiras de perturbar, quando o café e o soalheiro lhe deixam momento livre.

Sonhos de uma noite de Verão

Em três das mais populares modalidades do desporto português — futebol, atletismo e natação — registaram-se numa semana acontecimentos que transcendem o corriqueiro. Não se poderá dizer, por enquanto, se os factos anotados são simples acidentes na trajectória das três modalidades, se corresponderão realmente a viragens que fixarão novos cânones.

No entanto, porque não se trata de factos isolados, sem antecedentes que os justifiquem e sem alicerces que façam esperar mais êxitos, poderá encarar-se com optimismo o que numa semana aconteceu. E desse optimismo aos mais belos sonhos de uma noite de verão vai um passo...

No futebol, houve «apenas» a vitória da equipa dos Belenenses no Torneio Internacional de Nova York. Disputou a equipa de Belém cinco encontros, sem averbar uma derrota, na segunda série do Torneio. E disputará agora com o América, do Rio de Janeiro, vencedor da primeira série, o título de campeão internacional de 1962.

Simple acaso, esta vitória? Parece que não. Segue-se a duas vitórias consecutivas do Benfica na Taça dos Campeões Europeus e a acções brilhantes do Leixões, clube modesto, na Taça dos Campeões das Taças. Então? Pois a resposta é optimista: o futebol português esta a evoluir no bom sentido e já não pode ser seu objectivo «perder por poucos»

Para mais, os críticos norte-americanos do futebol decidiram distinguir, entre todos os jogadores que estiveram em Nova York, nas duas séries, um elemento dos Belenenses, considerando-o melhor de todos os jogadores: lauca, o «interior» que o Sporting cobiça e que emparceira com o benfiquista Eusébio como o melhor no seu lugar.

No atletismo, houve dois factos a juntar a muitos outros ultimamente registados: no despique com os espanhóis, portugueses de ambos os sexos levaram a melhor, e o melhor velocista portu-

À VOLTA DE UMA PALAVRA

Nos seus tempos de rapaz, quando não sonhava que viria a ser estadista e, mais do que isso, criador de uma nova estrutura de Estado, quando era apenas um estudante de Coimbra, pertenceu naquela cidade a uma associação chamada «Centro Académico de Democracia Cristã».

O jornalista italiano que veio agora entrevistá-lo perguntou a si próprio:

— Como é que da experiência política daquele tempo, em condições tão diferentes das actuais, ele pôde chegar à doutrina que enforma o regime a que deu corpo?

É uma pergunta de quem soube documentar-se sobre a vida e sobre as condições de actividade do estadista a quem vai ouvir. Nessa preocupação de documentar-se há o pressuposto certo de que os homens não podem entender-se fora do meio em que nasceram e viveram, e portanto fora da sua experiência pessoal, da mesma forma que os meios sociais não poderão ser compreendidos senão no estudo da evolução de que são parte.

Na sua resposta, simples, clara, directa, o Doutor Salazar declarou:

— Sim. Quando estudante em Coimbra, pertenci a uma organização denominada «Centro Académico de Democracia Cristã», à qual de certo modo me encontro ainda ligado.

Depois, o Presidente do

Conselho explicou as condições em que apareceu a mesma organização, geralmente conhecida pelas iniciais CADC, o nome que lhe foi dado, e a correlação da experiência de há mais de cinquenta anos com as doutrinas actuais.

O CADC foi criado no princípio de 1901, sucedendo a uma congregação académica que existia desde 1878. O aparecimento de uma e de outra foi determinado pelo renascer de uma consciência religiosa, que se tinha esvaziado

(Continua na 6.ª página)

(Continua na 4.ª página)

Foi concedido à nossa Câmara um empréstimo de 500 contos

para electrificação de diversas freguesias

Como noticiamos o nosso Município pediu um empréstimo de 500 contos para fazer face à comparticipação do Estado concedida para electrificação das freguesias de Dornelas, Goães e Bouro e ainda par pagamento final da electrificação de Lago.

Foi, na semana finda, concedido esse empréstimo pelo que tudo se encontra preparado para que a electrificação daquelas freguesias se faça imediatamente.

O concurso da respectiva empreitada deve seguir em

breve e a Chenop, a quem cumpre instalar a alta-tensão, está já a ultimar os preparativos para iniciar a construção das cabines, que se situam, uma em Goães e outra em Bouro.

Trata-se de uma obra da maior importância podendo, com ela, considerar-se feita a electrificação do Concelho, dado que o que então restará será aproveitar insignificante e com possibilidades de, as linhas a levantar, electrificar completamente.

TRIBUNA AGRICOLA

Colheita de citrinos

A operação da colheita, é das mais importantes e dela, em caso algum, o citricultor deve estar desinteressado, devendo-lhe dispensar todos os cuidados.

Os citrinos devem ser colhidos depois de maduros porque, ao contrário das peras e maçãs, não completam o amadurecimento fora da árvore.

Assim, dada a tendência do fruticultor para colher os frutos ainda «verdes» no sentido de aproveitar os melhores preços (de novidade), alguns países estabeleceram normas a que devem obedecer os citrinos destinados não só à exportação como ao mercado interno. O grau de maturação mais conveniente costuma definir-se pelos seguintes indicadores:

- Cor da casca
- Quantidade de sumo;
- Relação açúcares/acidez.

A casca dos frutos cítricos, à medida que se processa o amadurecimento, passa sucessivamente da coloração verde ao amarelo-citrino ou alaranjado mais ou menos intenso consoante a espécie e variedade.

Contudo, muitas vezes, a mudança de coloração da casca pode ser acelerada pela picada de certos insectos. Assim no Algarve, não se combate a mosca do Mediterrâneo (*Ceratitis capitata*) porque os frutos onde ela efectuar as posturas mais cedo apresentam a coloração amarela, e sem estarem maduros, são colhidos e enviados para os mercados porque obtem melhores preços!...

Do exposto se conclue que a coloração da casca não é factor suficiente para avaliar o grau de maturação dos frutos e por isso se recorre à determinação da quantidade de sumo, que é máxima quando a laranja está madura.

No que respeita aos ácidos, a quantidade existente nos frutos vai diminuindo com o amadurecimento, enquanto que a riqueza em açúcares vai aumentando.

Assim, o estado de maturação dos frutos é, pois, definido pelo índice de maturação ou índice de acidez (E/A) que é a relação entre o extracto solúvel (E) determinado no refractómetro e a acidez total (A) em ácido cítrico.

Internacionalmente parece definir-se que as laranjas estão em condições de comercialização quando se verifique:

- a coloração típica da variedade;
- a devida quantidade de sumo, pelo menos 1/3 do peso bruto;
- a equilibrada relação açúcares/acidez (E/A), não inferior à proporção 6/1.

Embora, ainda não tenha sido fixadas, entre nós, caracte-

ísticas analíticas para avaliar o grau de maturação dos frutos, procedeu-se no entanto no laboratório da Junta, à análise de amostras de citrinos transaccionados no Mercado Abastecedor de Frutas de Lisboa na campanha 1960/61. Para as laranjas colhidas a partir da segunda quinzena de Novembro verifica-se que os resultados das análises então dentro das tolerâncias admitidas internacionalmente, nomeadamente, para as amostras de frutos proveniente do Algarve.

As amostras analisadas em Outubro apresentavam o índice de maturação baixo porque os frutos ainda não estavam maduros pois a coloração amarelada da casca era provocada pela picada da mosca do Mediterrâneo (*C. capitata*).

Precisamente nestas duas amostras o rendimento em sumo não atingia 1/3 do peso bruto enquanto que nas restantes aquela percentagem era ultrapassada.

Na campanha seguinte prosseguiram as análises sobre amostras de laranjas provenientes do Algarve e os resultados a que se chegou foram idênticos aos anteriores.

Como é sabido as características analíticas dos frutos dependem da variedade e variam consoante as regiões e os terrenos onde estão instala-

dos os pomares e de árvore para árvore. Também na própria árvore os frutos duma dada zona da copa podem diferir dos de outro lado, isto é, depende da exposição ao sol. Na campanha 1961/62 efectuaram-se análises sobre amostras de laranjas proveniente da Estação de Fruticultura de Palmeira. Embora as análises tenham principiado na segunda quinzena de Janeiro e se disponha dum reduzido número de amostras e dum só ano, podemos comparar o comportamento de algumas variedades.

Assim constatamos que a D. João, a Valência Late e a Selecta só a partir da 2.ª de Fevereiro apresentam um índice de maturação dentro dos valores internacionalmente admitidos.

O rendimento em sumo em todas as amostras apresentou-se superior ao mínimo previsto internacionalmente. A Valência Late e a Selecta apresentam valores de cerca de 50%, isto é, superiores aos de D. João que anda à volta de 50%. Esperemos que na próxima campanha os trabalhos possam prosseguir para se poderem tirar conclusões sobre o comportamento destas e outras variedades provenientes da Estação de Fruticultura e outras regiões.

O milho...

O cereal do Norte

Também conhecido por Zea Mays, L. é uma planta anual da família das gramíneas. Originário do México, divulgou-se intensamente pela América. Colombo quando do regresso deste continente; trouxe-o para a Europa, e aos Portugueses cabe o mérito de o ter difundido pelas várias regiões do Globo.

Situa-se em segundo lugar na produção mundial de cereais. Entre os maiores produtores, destacam-se os Estados Unidos da América do Norte, que na região do «corn belt» colhem 50% da totalidade.

Idêntica posição se verifica entre nós, especialmente no Norte do País, seguindo-se ao trigo na escala da cerealicultura nacional. O seu solar estende-se, por ordem de importância, pelas províncias da Beira Litoral, Minho, Douro Litoral e Beira Alta, com significado económico também na do Ribatejo.

A cultura, com uma área de cerca de 500 milhas de hectares, proporciona colheitas da ordem de 4.300 quintais, o

que denuncia a sua importância no quadro geral da nossa economia.

Todas as regiões onde o cultivo tem maior relevo distinguem-se pelo clima húmido, solos frescos e férteis. E é tão assinalada na gestão rural, que um «carro de pão» (40 alqueires de 20 litros=640 quilogramas) — como se usa dizer —, constitui uma medida unitária pela qual se avaliam rendas, pagamentos e até transacções de vária natureza.

Em o Norte do País — Minho, Douro Litoral e Beiras —, semeia-se em consociação com o feijão nas terras frescas e nas regadias. No Centro e Sul, a cultura faz-se geralmente em regime de sequeiro, mas actualmente já se regista uma participação importante do regadio em virtude das obras de aproveitamento hidroagrícola.

O consumo do milho em grão em todo o mundo ainda atinge 10% em relação ao do trigo — como se disse já em anterior nótula, considerado o cereal padrão. Entre nós, em

Continua na 5.ª página

A nossa Agricultura

(Continuação da 1.ª página)

do senhorio, que quando vê que ele trabalha bem a terra e dela tira rendimento compensador, aumenta-lhe 1 a 2 carros a arrenda, como de outros colegas que lhe fazem concorrência oferecendo maior produção, como é uso chamar-se.

Outro mal é não haver a mínima relutância em entregar as terras a recém-casados quase crianças ainda, sem conhecimentos técnicos, sem capital, sem gado e sobretudo sem a mão de obra necessária ao conveniente amanho da terra.

Dois males advêm deste sistema.

O primeiro é a miséria para onde é arrastado o nosso lavrador caseiro, que nestas circunstâncias se não pode libertar deste círculo vicioso que é a oferta e a procura da terra, sem qualquer margem para suportar não só os crescentes encargos, como ainda para fazer face aos maus anos em que o clima é adverso. O Segundo é o conseqüente depauperamento da terra que provem da falta de estímulo, da falta de recurso e da falta técnica, esta em grande culpa por não haver à frente dos Grémios da Lavoura um técnico capaz de ensinar ao nosso lavrador as novas formas de cultivar a terra, do emprego adequado dos adubos, das sementes e gados e ferramentas, pois o nosso lavrador não lê, não vê a televisão e não sabe os princípios fundamentais a observar dentro da nova técnica, do amanho da terra.

Por qualquer ângulo que vejamos o problema, só vemos solução na associação de capital e trabalho.

É necessário interessar pela terra o proprietário, não só porque em geral o seu nível de cultura, é geralmente outro como também porque é a ele que compete investir os capitais necessários a uma boa e moderna exploração agrícola.

Se, pelo sistema em vigor, o Senhorio dá o sulfato e o enxofre para a vinha, porque não há-de dar os adubos, as sementes, os gados e até as alfaias. Porque não há-de explorar as águas e fazer todas as benfeitorias agrícolas?

Foi o que fizemos, começando por nos reformar ou acabar com o sistema de arrendamento para o converter em sistema de pagamento. O caseiro, é indispensável, e não pode ser um escravo, pelo que é necessário a justa remuneração ao seu trabalho, que não pode estar sujeita à inclemência do tempo, ou dos maus anos agrícolas, porque se trata da sua própria subsistência. Por outro lado é necessário interessá-lo no progresso de exploração agrícola.

Não foi difícil a solução porque dentro daquilo que se vinha a praticar muito se aproveitou.

O caseiro passou a receber tantos carros de cereais, anualmente, tanto nas frutas, tanto no vinho e tanto por cada cabeça de gado novo e tanto por cada cabeça de gado adulto.

Tudo foi ajustado na proporção devida a uma justa remuneração do trabalho, acrescida de casa e terra gratuita para as suas culturas domésticas.

É esta a forma de encaminhar a nossa lavoura para dias melhores, sem grandes atropelos. Se nos deburçarmos por momentos sobre o que se passa, sobre milho híbrido, que o nosso lavrador não semeia mesmo sabendo que pode duplicar a sua produção, e sobre gados e estrumes, que são a base dum boa agricultura, temos de concordar que quase nada existe de aproveitável, mas isto será assunto de novo artigo.

O momento é próprio a reflexão, pois as perspectivas que se abrem através dos últimos diplomas que a Secretaria da Agricultura deu ao País são enormes e muito encorajantes para a nossa lavoura. É no entanto absolutamente necessário interessar pela terra aqueles que com média cultura que são ao mesmo tempo os seus proprietários e que mais facilmente podem assimilar os ensinamentos e benefícios que os mesmos diplomas contém de forma a usufruir todas as regalias que o Estado se propõe conceder-lhes.

O sistema de arrendamento que vimos a condenar não permite no entanto esta evolução, pois como dissemos o caseiro não está preparado para ela nem tem meios para lhe fazer face.

A irrigação, adubações, matéria orgânica e pecuária, as sementes e a fruticultura são problemas tão complexos que só o capital e o amor à terra podem resolver em franca e estreita colaboração com os serviços técnicos que a Secretaria da Agricultura põe à nossa disposição.

É pena, repetimos, que nos Grémios da Lavoura falte um técnico especializado e competente, que vá encaminhando a nossa rotineira lavoura para outros sistemas modernos e mais compensadores da exploração da terra, e sirva de elo de ligação entre o lavrador e os apurados serviços técnicos dos Postos Agrários Distritais.

Estamos convencidos que se as coisas evoluíssem neste sentido e desta forma a lavoura da nossa privilegiada região muito teria a ganhar e consequentemente a Economia Nacional.

São os nossos votos.

P. M.

TRIBUNA do CONCELHO

CARTA DE LAGO

***** Aos amigos de perto e de longe *****

Estamos no tempo das Festas

As costureiras e os alfaiates vêm-se e desejam-se para satisfazer as vaidades da gente moça. Em breve chegará o Alívio e lá se vai mais um ciclo deste «vai e vem» contínuo de festas.

Festas e comércio

Direis que as festas honram os Santos. Isso é, geralmente, o pretexto. Na verdade, as festas dão muitas chances e honram ou desonram quem as faz e quem a elas assiste, conforme se portam bem ou mal. Em regra geral as comissões têm poucos merecimentos diante de Deus porque não pensam em santificar-se ou santificar os assistentes, nem tão pouco em honrar os santos. Que merecimentos poderá ter diante de Deus a promoção de verbenas ou noitadas com uma ou várias músicas e fogo de artifício? A única utilidade estará no movimento comercial. De resto só aparecem nas noitadas os bêbados, que ainda não estão bem repletos, e os pares amorosos descuidados. Qualquer outra pessoa irá observar o que se passa, ou por ter responsabilidades na festa ou por simples curiosidade. Para estas noitadas ninguém vai fazer actos de virtude; e, portanto não vão honrar a Deus nem os Santos. Por isso julgo que só a vaidade, o divertimento humano, mais ou menos condonável, e o comércio poderão ser motivo de arraiais nocturnos.

Noitadas na aldeia

O que fica dito refere-se às noitadas em geral. Não quero abranger nestas considerações as noites de vigia e oração, embora, também nestes casos, nem tudo mereça louvores.

Há alguns anos houve um arraial nocturno na festa do Senhor da Saúde. Por responsabilidades do meu cargo tive de estar presente até as duas bandas de música fizeram as despedidas. Fiz então por ver quem andava no arraial. Soube que muitas coisas se passaram sem eu ver o que crei ser verdadeiro.

Estavam presentes 4 praças da G. N. R. Julgo que também não viram tudo, e não é de admirar. Enquanto os músicos, à vez, meios sonolentos, exerciam a sua arte e invento dos pulmões, namorados, aos pares, apareciam e voltavam a esconder-se na escuridão da noite. Os amantes da bela pinga abrigavam-

-se debaixo dos toldes, junto dos pipos... Eu, a G. N. R. e poucos mais homens em serviço, esperavamos, impacientes, que as horas se passassem. E, para acalmar os nervos e sacudir o sono, iam passeando. Os assistentes mais atentos deviam ser os mochos e morcegos, enquanto não começou a acção dos fogueteiros... Que eu visse, ninguém rezava!

Que utilidade poderá haver nos arraiais nocturnos das festas da aldeia? E nos das vilas e cidades! Alguma utilidade comercial parece haver. Espiritual, moral e cultural não passará muito acima de zero. Julgo até que ficará bastante abaixo do zero. E tantos parvos a cansarem-se, cheios de vaidade, para organizarem arraiais nocturnos!..

O caso do Ratinho

Apareceu, aqui há dias um funcionário da «Comissão da Fiscalização de Explosivos».

Desculpai, caros amigos, se o nome da entidade não é bem assim. Seja como fôr, o dito Senhor veio ouvir testemunhas para averiguar a culpabilidade no desastre ocorrido no fim da festa do Senhor da Saúde. Achei curiosa a nota, que foi lida na minha presença, sobre o acontecimento, por não corresponder à verdade e trazer uma testemunha que nada viu. Voltarei brevemente a falarvos deste caso triste para dizervos como alguns parceiros vêm, julgam e dizem as coisas. E nada mais por hoje.

Deseja-vos saúde o vosso

J. Moreira

Vida elegante

Aniversários

FAZEM ANOS:

Hoje — O Senhor Américo Raul Pereira.

Amanhã — A Senhora Maria Mavilde Feio.

Dia 13 — Os Senhores José Caciano Gonçalves Macedo e António Calheiros Ferreira Cruz.

Dia 14 — As Senhoras D. Estela Arantes Menezes e D. Berta Gonçalves Leite.

Dia 15 — O Senhor António Leite Ramos de Azevedo.

* * *

Passa no próximo dia 15 do corrente o seu aniversário natalício a Snra. D. Arminda de Jesus Lopes.

Por tão alegre data seus filhos e toda a família desejam-lhe muitas felicidades e que esta se repita por longos anos na companhia de seus filhos.

SALVÉ 14-8-962

Passa na próxima Terça-feira dia 14 do corrente, o seu aniversário natalício a senhora D. Deolinda de Jesus Rodrigues da Silva.

Por tão alegre data seu marido, filhos, pais e restante família desejam-lhe muitas felicidades e para que esta se repita por muitos anos na companhia de seu marido e de seus queridos filhos. São estes os votos mais sinceros de toda a família.

António L. M.

NOTICIÁRIO

Por iniciativa da Delegação Distrital de Braga de Mocidade e com a colaboração da Agência Geral do Ultramar, vai ser apresentada, nas dependências da Casa da Mocidade da Ala de Braga, à Rua Santa Margarida, a notável Exposição «PORTUGAL ALÉM DA EUROPA». A iniciativa tem o patrocínio do Governo Civil de Braga.

Ao levar efeito, no ano de actividades corrente, a terceira exposição, a Delegação Distrital de Braga da Mocidade Portuguesa prossegue na execução do seu programa de Acção Cultural, que, como referimos em cada oportunidade, foi ainda acrescentado com a realização de palestras e colóquios, funcionamento efectivo de uma biblioteca juvenil e distribuição de dezenas de milhares de publicações pelos jovens, estudantes ou não, de todo o distrito de Braga.

A Exposição «PORTUGAL ALÉM DA EUROPA», cuja montagem está a decorrer desde o passado dia 30 de Julho, ocupa uma área superior a 400 metros quadrados e é um valioso e rico documentário da vida viva de todas as Províncias Ultramarinas de Portugal. Através de maravilhosas fotografias e fotomontagens, ressalta todo o esforço multissecular do povo português no sentido de dar expressão e realidade às linhas dominantes da sua vocação e

sobressai o ritmo febril da caminhada para o futuro.

Estarão expostas centenas de fotografias, que documentam os seguintes aspectos da vida ultramarina: saúde e assistência, vida espiritual, turismo, convívio racial, ensino de todos os graus, agricultura, indústria, urbanismo, portos, estradas aeroportos, aproveitamentos hidroeléctricos e hidroagrícolas, costumes, habitação, empreendimentos industriais, etc., etc..

Serão também patentes ao público motivos de arte indígena — pintura e escultura; artigos de produção agrícola e industrial das várias Províncias Ultramarinas; belíssimas de selos postais; publicações...

O importante certamente é completado com o funcionamento ininterrupto de um cinema ao ar livre, no qual serão projectados, pelo sistema cinemascópio, filmes com imagens do Ultramar Português.

A Exposição «PORTUGAL ALÉM MAR» é inaugurada pelas autoridades civis, militares e religiosas no próximo sábado, dia 11 do corrente, às 21,30 horas. A partir daquela hora é permitido o acesso ao público.

MARIA IZAURA FERNANDES

Em sua casa de morada, sita na freguesia de Goães, faleceu a sra. Maria Izaura Fernandes, esposa do Senhor Abílio Fernandes, cabo de cantoneiro aposentado.



DE VISITA

Tivemos, ontem, a visita às nossas oficinas e redacção do sargento sr. António Antunes comandante do Posto da G. N. R. em Alijó, que se fazia acompanhar de sua esposa e filha natural da freguesia de Rendufe, deste concelho.

Amigo da sua terra natal e das suas organizações, muito particularmente da sua Banda, o sr. António Antunes é também um baírrista e profissional muito distinto marcando destacada presença entre os seus colegas.

Estimamos e apreciamos a sua visita e a gentileza que o caracterizam.

EM FÉRIAS

Encontra-se na vizinha freguesia de Goães, no gozo de umas bem merecidas férias o nosso particular amigo e assinante deste jornal, Sr. José Gonçalves, industrial de Alfaiataria em Amadora-Lisboa.

Quincidiram estas férias com a triste notícia da morte de sua extremosa mãe, pelo que lhe apresentamos sentidos pesames.

A bondosa Senhora era mãe dos nossos amigos srs. João Gonçalves, funcionário da Padaria local e José Gonçalves, estabelecido na Amadora, bem como de outros filhos e filhas que muito a estimavam e queriam.

Mãe exemplar, esposa muito dedicada o seu passamento causou a maior consternação.

A família enlutada os nossos sentimentos.

Conversa entre compadres

EU SOU AMIGO DA BANDA

— Boa tarde, compadre...
— Boa tarde, Joaquim, como vai?! Só a estas horas? Por onde tem andado?
— Sabe compadre, onde estive?

a ouvir a Música.
— Você... a ouvir a Banda...
— Eu sou amigo da Banda...

— Você amigo da música? A! A! A!

Que rico amigo!!!

O amor é operativo. Mostre as suas obras, mostre as suas provas de amor para com a Música! Tem-lhe dado grande apoio material e moral? É com as suas ofertas que a Banda está de pé?! É com o seu apoio moral ela se vai aguentando? Que amizade é essa?!

Acima de tudo haja sinceridade, haja carácter, haja dignidade. Se somos, somos; se não somos, não somos. As ocultas, pela calada da noite, pela sombra da hipocrisia você atira com a pedra da ingratidão, às claras, á luz do dia, na presença das pessoas estende a mão da amizade. Isto é indigno! Isto é revoltante!

Porque não tomamos uma posição de homens, uma posição defenida, uma posição de carácter?!

Perante a hipocrisia, fica sabendo, não nos calaremos. Já o dissemos aqui e queremos dizê-lo mais uma vez, desassombadamente, que nada nos enoja tanto como o camaleão que se põe de tantos cores quantas as conveniências. E por amor de Deus não chamem a isto diplomacia...

Isto é cobardia, sim, só cobardia!

— Oh compadre você é terrível!...

— Sou amigo da verdade... É muito triste e sobretudo muito nojento alguém dizer o que não pensa e pensar e que não diz. E mais nojento e mais objecto é dizer-se aqui uma coisa e além dizer-se outra.

— Não lhe admito isso!...

— Não admities... eu digo-te que não pratiques isso que é muito feio. Sejamos a que o Mestre Divino mais enalteceu: *Que foste ver ao deserto? Uma cana gita-da pelo vento?*

homens de carácter, repito. Já ouviste falar daquele filósofo grego que andava de dia com uma candeia acesa pelas ruas de Atenas á procura de um homem?!

— Já ouvi falar.

— Tinha razão esse filósofo. São tão raros os verdadeiros homens. Habituo-nos a olhar de frente ás pessoas e os acontecimentos, sem quebra de firmeza da nossa posição. A humildade e o arrependimento são virtudes nobres que ifcam bem a todos os homens; mas a cobardia rebaixa e avilta.

Conheces a vida de S. João Baptista. A sua virtude de firmeza de carácter foi

Podemos ser batidos por ventos contrários. Isso não está nas nossas mãos. O que podemos e devemos é não ser canas frágeis volúveis ao sabor da mais pequena brisa. Porque não havemos de assumir todas as responsabilidades das nossas atitudes seja onde for e seja na presença de quem for?

— Mas olhe, compadre, porque diz que não sou amigo da Banda?

— Ora essa?! Mostra o teu amor... És sócio? Já lhe deste alguma esmola? Dás-lhe o teu apoio? Animas os músicos e os aprendizes incotindo-lhe coragem e incitando-os ao amor e ao sacrifício pela Banda? Por onde vais fazes boa companhia e se podes arranja ou des arranja a festa?

— Eu bem nunca lhe fiz... lá isso é verdade.

— Diz... diz... podes dizer mais. Tens-lhe feito muita mal com a tua má companhia, com o o teu silêncio, com o teu desprezo.

Quem não é por mim é contra mim, disse Nosso Senhor. *Quem não é pela Banda é contra ela.*

— Bem... em certo modo tem razão.

— Aí tenho... E tu só se não tiveres vergonha é que dizes que és amigo da Banda.

— O compadre dá-me cada descalçada!...

— Oxalá que aprendesses bem as lições que te dou. Mas... diz o povo que burro velho...

Sonhos de uma noite de Verão

(Continuação da 1.ª página)

guês conseguiu um tempo de categoria internacional nas 1.000 jardas.

Se o caso deste último, Jorge Soares, com 9,6 segundos para a distância, é assunto ainda em aberto, pois Soares considera-se ainda longe do seu melhor e poderá pulverizar os recordes portugueses e espanhóis de velocidade pura — 100 jardas, 100 e 200 metros — no outro houve completo ineditismo, uma selecção feminina, constituida por jovens de dois clubes de Lisboa — Belenenses e Sporting — foi vencer, em Vigo, e selecção de Barcelona — que é a melhor da Espanha. E houve, até, um recorde ibérico fixados por uma dessas jovens.

Esta vitória, coroando a primeira saída das atletas portuguesas ao estrangeiro, parece realmente dar aso aos melhores sonhos...

Também em Vigo, Manuel de Oliveira repetiu a sua já vulgar proeza de bater os melhores da Espanha, nomeadamente o campeão Manuel Martin Alonso.

Finalmente, na nataçãõ, conseguiu-se uma proeza inédita no desporto português: um recorde mundial. Foi seu autor o melhor português de meio fundo, Eduardo José de Sousa, recordista português ibérico dos 1.500 e dos 5.000 metros. Desta vez, no Primeiro Campeonato Nacional de Nataçãõ com barbatanas, disputado em Peniche, percorreu os 5.000 metros em 1 hora e 4 minutos, batendo o recorde mundial, que pertencia a um italiano, com 1 hora e 13 minutos, tendo sido estabelecido em Palarmo, quando do Campeonato Mundial da especialidade.

Mas a continuidade da nataçãõ é assegurada por outra proeza: Vitor Manuel Fonseca, o «miudo» que ainda há pouco não podia concorrer a provas oficiais por não ter idade, estabeleceu novo recorde da FIDEC (Federação Internacional Desportiva das Escolas Católicas) para os 100 metros maripose, com 1 minuto e 6 segundos, durante as provas disputadas em Turnhout, na Belgica.

Ora Vitor Fonseca é um dos muitos garotos que, no Sport Algés e Dafundo, se preparam para vincar ainda mais o «salto em frente» dado pela nataçãõ portuguesa com o grupo de nadadores que o japonês lakuchi preparou. Prosseguindo, assim, a série de êxitos, também neste caso são permitidos os melhores sonhos.

Auxiliai os Bombeiros
V. de Amares

Visado pela Censura

Fé, Esperança e Caridade

Do livro «Revolta e Crença»

Com a Cruz de Cristo ao peito,
Com a Fé no coração,
Com o sorriso nos lábios
Recitando uma oração,

Com a Esperança nossa irmã
Que Jesus nos concedeu,
Com a Caridade envolta
Em tenuíssimo veu,

Somos um bando de pombas,
Pelo Senhor enviado
Para remir nossa terra
Do vil e feio pecado.

Alistado nas falanges
Deste exército audaz,
Comandados por Jesus
Combatemos Santanaz.

Somos a seiva fecunda
Do tronco de Portugal,
Sua grandeza futura
Mais o seu sonho imortal.

Por Jesus e pela Pátria,
Pela nossa Santa Igreja,
Vêde, ateus, que dos Cruzados
Na luta nenhum fraqueja.

Com a Cruz de Cristo ao peito,
Com a fé no coração,
Fia, avante, por Jesus,
Eia, sus, pela Nação!...

Senhora do Porto

PORTO D'AVE — PÓVOA DE LANHOSO

Grande Romaria nos dias 1 e 2 de Setembro de 1962

As novenas começam no dia 24 de Agosto às 9 horas

Dia 1 de Setembro

De manhã conclusão da novena e confesso.

A's 12 horas — Fogo. Entrada de uma banda de música

A' Tarde — Concerto Musical.

A' Noite — Grandiosa Procissão de Velas

Música — Fogo — Iluminação.

Dia 2 de Setembro

A's 7 horas — Missa rezada — Comunhão geral.

A's 10,30 — Missa cantada a grande instrumental e sermão.

A's 16,30 — Missa vespertina e comunhão.

A's 17 horas — Majestosa Procissão — Duas bandas de música — Vistosos andores — Muñecas anjinhos e figuras alegóricas.

À NOITE:

Lindíssimas iluminações eléctricas

Concerto das Bandas

A' meia noite — Deslumbrante sessão de fogo de artifício

Gente do Norte — Todos a Porto d'Ave no dia 2 de Setembro



RELOJOARIA

MAURÍCIO

QUEIROZ

CASA FUNDADA EM 1903

Oficina completa de reparações de relógios de todo o género

Completo sortido de relógios das melhores marcas

R. D. Frei Caetano Brandão Telef. 22526 BRAGA

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

S. Paio de Seramil

(Continuação do número anterior)

se ajuntar a esta hé uzo vir cahir proximo as casas da residência em huma pia que fica por baixo das ditas casas, e suposto o cabeça ou o que hoje está fazendo as suas vezes de terceira vida chamado João Pereira do lugar do Bacello desta mesma freguesia em huma rata que fez na hera de mil e sete centos e setenta e tantos annos dividio entre si e os mais consortes esta gorida que vem no tempo do veram des que se entra a regar, que vem do sifio acima mencionado isto se entende todos os dias da semana athé o sabado à noute sendo que pera as terras que elle a queria aplicar, que por nome são chamadas a boucinha, não tem agoa senam des o dito tempo acima referido no tempo da rega, e assim queria elle suplicante obrogar a posse passifiqua em que estavam elle Reverendo Abbade e seos antecessores de tempo que já não havia memoria e argumenta elle suplicante que no tempo de seo antecessor hum caseiro chamado João Ribeiro do lugar do Bacello regava humas leiras que ficam proximo da Igreja com a agoa da dita possa da bouça da Portella, e outra mais que pedia aos moradores do lugar do Orijal nos dias da semana, e à vista de tudo isto se conformou elle direito senhor em presença do dito suplicante com pessoas que passavão de setenta e tantos annos, e nascidas em este lugar do Assento, que disto tinham pleno conhecimento, e disserão que tinhão conhecido aqui Abbades que tinhão sobrinhas em sua companhia, e que lavavão em hua pia que fica por baixo das casas da residência, e se aproveitavam da dita gorida para o ministério que lhes hera preciso, e que também tinhão vindo muitas vezes os caseiros deste lugar do Assento buscar agoa para fazer as eiras (de barro amassado) e para as mais cousas que lhes herão preciso a huma biqueira que cahia do adro desta Igreja em o caminho, as taes pessoas que enformaram heram Sopriana Pereira solteira, Custodia da Silva viuva, André da Cunha viuvo todos deste mesmo lugar do Assento, e caseiros, e assim elle Reverendo Abbade se conserva na mesma posse em que estiverão seos antecessores e também disserão suposto regava algumas vezes o dito João Ribeiro nos dias da semana hera com consentimento de Reverendo Abbade, e pera que em tempo algum nunca se abulla a posse em que está esta Igreja, se fez esta declaração.

Seguia-se a delimitação da freguesia com as suas circunvizinhas, mas essa já é conhecida.

A igreja quase nada possui actualmente dos bens atrás mencionados, senão a residência e anexos, e estes mesmos adquiridos e pagos, quando das ultimas expoliações após a mudança de regime, graças ao gesto do maior benemérito que a freguesia já conheceu, mas anda infelizmente tão esquecida a sua memória, até para incentivo de outros.

Vai tentar-se reavivá-la, ao menos nestas linhas e à vista de muito poucos dos que ainda o conheceram; de muitos mais de nova geração que mal e apenas dele terão ouvido falar.

José do Rego, assim era mais conhecido por ser o proprietário da Casa do Rego, chamada deste modo por lhe atravessar o quinteiro murado o rego da água que dá para as veigas do lugar, rego encanado, onde, abra-se aqui um parêntesis, era eu rapaz, lembro-me de haver uma tarde sério levante na povoação porque toda a gente concorreu a ajudar e ver caçar um corpolento texugo que no cano se acotava.

Foi agarrado vivo e são e, de bonito que era e bem alimentado, pois comia à pia dos porcos e à margem das eiras de espigas de milho que não tinha necessidade de procurar pelos campos, pois vivia paredes meias com os habitantes do lugar, houve a ideia de domesticá-lo, encerrando-o em uma dorna onde lhe deitavam comida com fartura. Mas o animal, de bravio que era, decidiu fazer a greve da fome como protesto contra a prisão a que se viu condenado, e, por não considerar que um dia domesticado teria pelo menos a liberdade dos cães vadios, apareceu morto na dorna.

* * *

Vamos ao caso principal. José do Rego ordenou assim o seu testamento:

«Eu José António da Costa, solteiro, proprietário do lugar de Seramil de Baixo, freguesia de S. Paio de Seramil, concelho de Amares, mando escrever o meu testamento á minha ultima vontade pela forma seguinte: Declaro

(Continua no próximo número)

REPAROS

Depois da «bouça de Prado», característica de um Concelho atrazado e de atrazados que constitui a vergonha desta terra verde que permanece renitente no anti-amadurecimento para o brio da Civilização, tocára a vez de ser devassado agora um dos mais belos pontos de recreio da beira-Cávado na Ponte do Bico! É deveras desolador o atrazo de certos aldeãos que, com espírito de maldavez, põem à prova a glândula venenosa de um coração sem respeito pelo seu semelhante, nem tam pouco pela mais bela das obras, a hora da Natureza.

Determinado Senhor que, segundo parece, se lembrára de chamar seus os pequenos montados que ladeiam a margem direita do Cávado ali no no Bico, quem desce a ladeira que da bela e sonhadora Casa Fernandes, (marchante), dá para o rio e onde centenas de famílias da cidade, terras circunvizinhas e mesmo turistas estrangeiros buscam, acampados no relvado, as belezas naturais que o Cávado ali, prima em apresentar com toda a prodigalidade!

Este indivíduo, melhor, este malfeitor, de que se havia de lembrar? Como, naturalmente os olhos do seu atrazo não sabem deleitar-se na grandeza que enche todos os vácuos do espírito, ou simplesmente porque é rude e malfazejo, mandára para ali um tractor com o qual lavrara o referido montado, poeira e só poeira.

Pergunta-se: estará este sujeito autorizado a praticar tal descabro? Ou as minhas vistas me enganam ou existe um muro que demarca a sua propriedade a norte do tal montado, que deixa livre em espécie de baldio, a extensão marginal que lavrara.

Não haverá autoridades que embarguem ou ponham cobro a este que acho atentado não só à beleza natural de um recanto de sonho onde o Sol, a Lua e a verdura se retratam, como ainda a todos aqueles que não vivem só do pão?

E se o terreno é seu, porque não resolveu lavrar na altura própria e o faz agora pleno verão? Que irá semear este sujeitinho? Areia?... Raiva, talvez, inveja ou a maldade do seu coração?

Ainda se ali lhe assistisse o pretexto de esse lugar ser motivo de escândalo...

Mas não. Os escandalosos buscam, graças a Deus, lugares próprios para os seus desmandos, que não os que, como este, são mais concorridos!

Estamos certos de que não será em vão que lançamos o éco destes reparos, de maneira a que as autoridades superintendentes mandem enxurrar ali no pó o autor deste fracasso e não aqueles que nascendo não para olhar para o chão, mas sim para contemplar ou-

XXIX A INDIA PORTUGUESA

por Porfirio de Sousa

O Vice-Rei deu a mais cabal prova de amizade pelo povo de Ormuz, armando cavaleiro, por suas próprias mãos, o rei Turuxa e restituiu-lhe o trono, a que tinha direito por nascimento.

Nesse dia solene e faustoso, o Vice-Rei da Índia prometeu o seu auxilio e amizade ao rei e ao povo de Ormuz, enquanto um e outro fossem fieis ao Rei de Portugal.

O rei Turuxa, liberto dos terríveis pesadelos que lhe povoaram o cérebro durante a sua adolescência, rejubilou de intensa alegria e ficou vivamente reconhecido, bem como todos os seus cortegãos e altos funcionários, civis e militares.

Num preito de leal homenagem e de sincerag ratidão, ajoelharam aos pés do exttraordinário homem que num momento alterou o cuso da vida dos povos daquele reino para lhes beijarem as mãos — mas o grande Vice-Rei não consentiu esse acto de subserviência e mandou-os levantar e abraçou um por um a testemunhar-lhes a sua amizade e protecção.

Assim foram removidas todas as dificuldades que Rexamed havia semeado para obstar que os portugueses ali firmassem o seu poderio que vertiginosamente, pela mão firme e resoluta de Afonso de Albuquerque, ia avassalando a Índia.

O rei de Ormuz que por morte de Rexamed, tomou conta do tesouro público, em recompensa de Albuquerque, lhe prestara e ao seu povo, ofereceu ao Vice-Rei a elevada quantia de seiscenta mil moedas de ouro.

Afonso de Albuquerque, grande administrador do dilatado império, com essa apreciável soma de ouro fez face a todas as obras que reputava necessárias á nossa soberania naquelas paragens.

Só em materiais e mão de obra gastou cerca de 400.000 moedas, 100.000 applicou-as na compra de mercadorias para mandar, nos navios, para o reino e 50.000 enviou-as para Goa, afim de as despesas dos portugueses que tinha chagado da metrópole sem recursos pecuniários.

Ainda ficou, em cofre, com 50.000 moedas de ouro para qualquer eventualidade considerada urgente.

De perfeito acordo entre Afonso de Albuquerque e o rei Turuxa, iniciaram-se as obras de uma ampla fortaleza que, mercê de numerosos ope-

tras maravilhas, as que alimentam o espírito! A não ser que... a terra seja toda sua.

Gota d'Orvalho

rários, ia crescendo, de dia, com largas e fortes muralhas, torres e ameias.

A nova fortaleza, devidamente guarnecida de gente e de excelente fonte de artilharia, tornou Ormuz um dos três grandes pilares do império português da Índia, como o valeroso e audaz Vice-Rei havia sonhado e transformado em palpável realidade.

Numa grandiosa e patriótica tarefa tudo trabalhava, desde os operários aos fidalgos e até o próprio Vice-Rei passava o tempo a animar os obreiros com a sua presença e a dirigir, ao mesmo tempo, todos os trabalhadores em curso.

O esforço despendido para concluirem todos os trabalhos foi indigente e o calor naquela época do ano era verdadeiramente asfiocante.

Subitamente declarou-se uma desinteria, com carácter epidémico, quando a maior parte dos organismos estavam pescessivamente de paupera dos.

(Continua no próximo número)

O MILHO .. O cereal do Norte

Continuação da 2.ª página

especial no Entre Douro e Minho, e parte das Beiras, o consumo de pão de milho — a broa — participa em cerca de 40% da população.

Mas dada a tendência sempre crescente — evidenciada com eclectismo —, no consumo de pão de trigo, não seria curial deixar de referir que o milho reveste um alto significado, cada vez maior, na alimentação das espécies zooténicas, mormente dos suínos em regime de ceva ou engorda.

O milho utiliza-se ainda, uma vez preparado, como maizena, e toda a parte aérea da planta constitui um opimo alimento dos animais. E modernamente aproveita-se o carolo para pasta de papel e a palha constitui excelente matéria-prima para o fabrico de esteiras, cestos, chapéus, etc.

Trata-se, por conseguinte, de uma planta credora de todas as nossas atenções.

TRIBUNA LIVRE

é distribuída em Braga
no Quiosque Central
Largo do Barão de São
Martinho

A Volta de uma Palavra NA SENHORA d'ABADIA

Continuação da 1.ª página

do bastante durante o liberalismo.

A sociedade antiga, a sociedade que morreu com D. Miguel, tinha muitíssimos defeitos; mas com todos esses defeitos era uma sociedade com fé. Tinha certezas, e com elas um sentido de vida: de vida terrena e de vida espiritual. Se tal sentido de vida se tivesse mantido, evoluindo apenas as formas accidentais da sua existência, é natural que o país viesse a beneficiar de um surto de progresso autêntico — isto é: de um progresso não apenas material.

Os homens do liberalismo, porém, quiseram fazer uma substituição completa: nas instituições e nas almas. O resultado foi criarem uma sociedade que viveu permanentemente em crise. Em crise autêntica — isto é: crise ainda mais espiritual do que de instituições e de meios de acção. É certo que eles são responsáveis apenas na medida em que aceitaram subordinar-se às modas predominantes no seu tempo e em alguns países. O país estrangeiro que mais fortemente trabalhou no sentido de nós aceitarmos essas modas — foi precisamente o que na sua vida interna melhor se defendeu delas.

No meio dessa sociedade em crise, definiu-se — inevitavelmente, havia de definir-se — o renascer da fé religiosa. Simplesmente, o renascer da fé religiosa era um facto acima de todas as divergências de ordem política. Não tinha ligações partidárias. Era uma ascensão espiritual determinada pelo esgotamento moral da sociedade do Liberalismo, sobre a qual actuavam fortemente alguns movimentos an-

ti-religiosos.

Qual o objectivo do CADC? Todas as organizações que tenham na bandeira o nome de Cristo não-de coerentemente cumprir, o preceito de ensinar e de chamar: — fazer apostolado. Fortalecer entre os estudantes associados a fé religiosa, chamar outros ao seu convívio, esclarecê-los para o combate de todas as horas com as vagas sucessivas das modas filisofantes e principalmente pseudo-filosofantes, dar-lhes condições de vida mais saudáveis e de actividade desportiva, praticar aquela forma de solidariedade social que só quando completa e feita também com o coração é chamada caridade — tudo isto se incluía e inclui entre os objectivos do CADC.

Mas porquê — Democracia Cristo?

Os homens que em 1901 — ou melhor, em 1903, porque só neste ano adoptou a designação que tem hoje — empregaram a palavra *democracia* é evidente que o não fizeram a pensar em política. Seria absurdo dar um nome político a uma organização não-política ou super-política. Por outro lado, não podiam adivinhar que a expressão *democracia cristã* viesse a corresponder a certas formas de partidos políticos. Tudo gira, afinal, à volta da palavra *democracia*.

Poucos vocábulos haverá mais usados e menos esclarecidos. Toda a gente fala em democracia. Para dizer bem ou para dizer mal, para exaltar ou para divergir. E eu penso que toda a gente tem uma noção pessoalíssima de democracia. Uma noção vaga, difusa, mais sentimental do que pensada, variável de in-

divíduo para indivíduo. E para além desta noção pessoalíssima, qual o conceito certo, definido, objectivo? Uns dizem que é o governo do povo pelo povo — o que não passa de uma expressão imprecisa, pelo menos tanto como a palavra *povo*. Tanto assim, que se consideram hoje democracias todas as formas de governo que se declarem como tais — desde as monarquias despóticas, que ainda têm entre as suas instituições oficiais a da escravatura, até aos Estados efectivamente governados pelos agentes económicos de companhias estrangeiras.

Num livro muito curioso, *L'Etat et le citoyen*, do Club Jean Moulin, aparecido há pouco, leio estas palavras:

«Alguma vez teria existido a democracia? Não foi ela essencialmente o sonho de alguns filósofos do século XVIII, transcrito defeituosamente nas estruturas políticas do XIX ocidental por uma classe que encontrou nele a síntese entre um idealismo muito vago e interesses muito precisos? A democracia existiu em Atenas para um meio restrito, do qual eram excluídos os escravos; a democracia existiu no século XIX para um meio mais vasto, mas que não compreendia oito homens em cada dez.» Refere-se este ponto, especialmente, à França — e não entra na análise interna do sistema.

Ora bem: é preciso distinguir o vago do conceito nos seus aspectos político e sociológico e um certo sentido moral que nele se contém. Dizia Chesterton que há umas tantas ideias perniciosas, não sendo embora intrinsecamente más: — trata-se apenas de ideias boas que endoideceram. Não quero dizer que tal seja

Nesta colina ao pé deste ribeiro,
Quando da fundação da monarquia,
Já existia aqui este mosteiro
Consagrado á Senhora d'Abadia.

Diz a lenda que quando então carpia
Penas d'amor um monge cavaleiro
Lá do alto do monte ás vezes via
Brilhar uma luz viva num outeiro.

Que luz seria aquela? donde vem?
E porque há-de brilhar ali sòmente,
E nesse mesmo ponto se detem
Quer seja a noite escura ou transparente?...

Cismava ele assim, pendida a fronte,
Naquele dia em que deixou a cela
E lentamente ia descendo o monte
P'ra ir ao sítio onde luzia a estrela.

E quando lá chegou viu com espanto,
(Pois era maravilha o qu'ele via);
Numa rocha uma gruta e um recanto
Esta formosa Imagem de Maria!

Acudiram depois as multidões;
Ajoalhou aqui o Rei primeiro
E as suas sucessivas gerações
Que fariam cristão o mundo inteiro!

Oremos nós também, os descendentes
Desses avós gigantes d'almas d'aço,
Que sabiam rezar, ser persistentes
E lutar pela Pátria sem cansaço!

UERBA

o caso; mas o certo é que no conceito de democracia há, fundamentalmente, a ideia cristã de igualdade: todos os homens são iguais perante Deus, todos são irmãos. Na ideia corrente de *democracia* há um sentido geral — transposição das ideias de igualdade e de fraternidade, estas da essência do Cristianismo. Não sei se a transposição é legítima para todos os planos; todavia, legítima ou ilegítima, corresponde ao preenchimento de um vazio. A denominação do CADC não significa pois, o baptismo de uma ideia pagã, mas uma recuperação: o identificar de um sentido de vida na sua

matriz verdadeira. Acima da política. O mal do nosso tempo continua a ser a confusão das palavras, que se empregam para dizer aquilo que efectivamente não exprimem. Quando se fizer um dia o esforço de classificação no meio desta tremenda barbúrdia, nós poderemos afirmar que a sociedade portuguesa sempre foi — desde o tempo em que se dizia aos reis: Senão, não! — uma verdadeira democracia. Uma democracia como nunca sonharam sê-lo a maioria dos Estados do nosso tempo, que se limitaram a colar uma etiqueta sobre o conjunto das suas ignóbeis tiranias.

PADRE JOSÉ DE MATOS FERREIRA

Precursor do Padre Martins Capela, na investigação da antiguidade romana da Geira

D. S.

nesse tempo experimentey, que parece, que Phetonte despedia da sua carroça rayos com que abrazava a terra, e sobretudo, aturando a repugnancia dos indomitos agriculttores daquellas partes, quer por serem rusticos em tudo, não estimando hua obra tão digna de mayor apreço parece que contra mim se querião levantar; porem o desejo que tinha de descobrir este rico Thesouro para a Real Academia, e lustre de Portugal, e gloria de Braga, por tudo cortava.

Dou-lhe o titulo de Thesouro de Braga descuberto no Campo do Gerez, a este pequeno volume, por dous motivos; hum porque o descobrimento desta estrada com os 74 padrões, que no espaço campo do Gerez descobri, he thesouro grande para Braga, e mayor para Portugal, de que muyto se pode gloriar; pois, se até aqui escondido, já descoberto na mesma estrada, que novamente se reformou; o outro, porue este thesouro, ou esta pequena obra foy feyta e descoberta no campo do Gerez, ou em S. João do Campo, junto ao Gerez. Estes são os dous motivos que tive para fazer esta obra, foy o querer conservar a Braga este thesouro, e descobrir a Portugal esta mina, eternizando-se por este meio na memoria dos vindouros; pois, se o deixasse na estrada, que se abriu, e nos 74 padrões que se reedificarão e levantarão, era expor-me outra vez ao perigo passado, de que arumando-se se perdessem estas momorias; porque vejo que quem só nos caminhos deixa os thesouros, a perigo se põem de lhos roubarem: *Depraedari ergo desiderat, qui thesaurum publice portat in via* — assim que me resolvi a offerrecer-te este thesouro, porque, se fores

amante de Braga, e legitimo Portugues, o hás-de avaliar em muyto, e vender tudo pelo comprar: *Thesauru abscondito in agro, quem qui invenit homo abscondit, et pro gaudio illius vadit, et vendit universa, quae habet, et emit.*

Assim o espera da tua benevolencia (ó pio, e benemerio Leitor); pois, à má intenção dos mordazes, e emulos invejosos o não offerreço, que, como esses só vivem com ignorancia, e não sabem distinguir o bom, e nem estimar as obras grandes mais do que lhes dita a sua má intenção, por isso com estes nao fallo, ainda que ás suas mordazes linguas me exponha.

Capitulo primeiro

Breve noticia de Bruga Primaz

Não só me considero com hua venturosa jactancia de ter por Pay hum illustre velho, qual he o nobilissimo Reyno de Portugal, de quem os filhos mais protentosos herderão a magnanimidade de obrar accões dignas de fama, e memoria, como forão as com que brilharão nos séculos passados, expulsando os mouros do Reyno, com pasmo e admiração de todo o mundo, sem que jamais degenerassem nas conquistadas, como cantou o insigne Poeta.

Vós Portugueses poucos, quantos fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais,
Vós à custa de vossas varias mortes
A Lei da Vida eterna dilatais.

(CAMÕES, CANTO 7)

E revestidos de esforço, e valor, entrarão nas terras mais remotas da India, excedendo a quantas victorias os mayores monarcas do mundo e todas suas nações juntas em té o presente seculo tem obrado, como refere o mesmo Poeta:

Cessem do sabio Grego e do Troyano...

Mas tambem não hé desigual a gloria, que tenho de ter por May

(CONTINUA)